



ATLAS VERDE PERIFÉRICO

Profa. Dra. Simone Cortezão Freire ¹; Monique Silva Neves ²

¹ Simone Cortezão Freire: Pesquisadora e Professora do IFMG- Campus Santa Luzia, Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Artes Visuais pela UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Desenvolve pesquisas que se concentram nas mudanças climáticas e nos processos entrópicos vinculados aos recursos minerais e as paisagens produtivas. simone.freire@ifmg.edu.br

² Monique Silva Neves, Bolsista IFMG (Edital 035/2024), Arquitetura e Urbanismo, IFMG Campus Santa Luzia, Santa Luzia - MG; moniquenevesarquiteturar@gmail.com

RESUMO

A proposta do Atlas Verde Periférico visa mapear e analisar a produção do espaço urbano nas periferias, a partir das áreas verdes ou ausência delas. O objetivo é pesquisar a vegetação local e suas relações com o conforto, práticas cotidianas e saberes locais refletidos no território, como inter-relações importantes para pensar a qualidade do espaço urbano. Com o atlas, busca-se produzir um pensamento crítico e fornecer dados para soluções práticas.

INTRODUÇÃO:

Dos quintais às ervas daninhas que crescem entre os meios fios, da vegetação remanescente em áreas urbanas às calçadas áridas de bairros periféricos – toda a vegetação presente no território tem marcas da cultura, da história, da memória, das pessoas e do território. Segundo Paulo Freire, “[...] o homem não é um ser abstrato, isolado, solto, desligado do mundo [...]”, assim como também não existe um “[...] mundo como uma realidade ausente dos homens”. O território usado pelos homens é um conjunto de inter-relações em que “[...] consciência e mundo se dão simultaneamente”. Não há uma consciência antes e um mundo depois e vice-versa” (FREIRE, 1987, p. 70). “O território visto como unidade e diversidade é uma questão central da história humana” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 10)

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada tem um interesse em mapear a vegetação das áreas periféricas e, a partir dela, descobrir as redes de ligações entre homem, natureza e território - como se dá o cultivo, as temporalidades da natureza no urbano, as áreas áridas, a engrenagem da troca de mudas à fauna existente, e pesquisar os agentes e ciclos que sustentam o verde na periferia. A vegetação, assim como a fauna inscrita em áreas urbanas são fundamentais para uma ecologia do espaço.

As periferias tendem ao um crescimento massivo que decorre de uma consequente ocupação intensiva dos espaços. Na maioria dos casos, a ocupação das áreas não edificadas se dá com a impermeabilização do solo e diminuição de áreas verdes - plantio ornamental ou de alimentos. As calçadas e áreas externas, muitas vezes são estreitas, impossibilitando o espaço das calçadas e



plantio de árvores. No entanto, diante de problemas claros de falta de bem estar ambiental, decorrente da supressão ou diminuição do verde nas periferias, o cotidiano dos saberes locais podem dar pistas do que resiste de fauna e flora e indicar caminhos para políticas públicas e dar à técnica o entendimento cultural dos potenciais já existentes no meio urbano. Reconhecer o cotidiano e os saberes locais é matéria fundamental que deve ser registrada e constituída como estudo.

A partir da análise da vegetação vinculadas ao processo de urbanização e os modos de vida, pretende-se pesquisar e produzir um atlas com mapas, espécies mais utilizadas pela população local, ciclos naturais e urbanos, memórias e vínculos com o verde, entre outros aspectos que irão surgir ao longo da pesquisa, que darão suporte para a visualização de alternativas para melhoria da qualidade ambiental do meio urbano.

Nesse contexto de pesquisa, a combinação de métodos pode apontar para uma leitura mais ampla da realidade social em que se inserem os atores sociais, os saberes locais, a dinâmica da natureza e do espaço. Pesquisar o território entendendo que ele é dinâmico — com memória, cultura, natureza e território —, pode contribuir para produzir informações e colaborar para ver o espaço urbano com a complexidade dinâmica entre homem e natureza.

Além disso, a periferia é um contexto fundamental de estudo para os Institutos Federais, por fazer parte de seu território de inserção, mas sobretudo, por ser um contexto ainda com grande necessidade e importância para se pensar a qualidade urbana, a ecologia e o bem estar. Nesse sentido, é na periferia que se encontram dois aspectos fundamentais para se desenvolver uma pesquisa sobre a vegetação local. Nas periferias há uma crescente diminuição de áreas verdes para construção e pavimentação de quintais e ruas, mas, é também nas periferias que o uso dos quintais e onde parte do conhecimento popular se desenvolve - com o plantio de plantas para usos diversos, sobretudo, para o tratamento de doenças como aponta a pesquisadora Ângela Gomes.

Esse aspecto provoca uma infinidade de possibilidades para a pesquisa aqui apresentada, como: a articulação entre saberes locais práticos e saberes globais técnicos; a disseminação de pensamentos críticos para públicos diversos; inovações gráfico-visuais para promover uma análise cruzada entre ocupação das periferias e a difusão da informação, e o estudo e entendimento das áreas verdes e seus processos de cultivo e manutenção no ciclo urbano e natural.

No ano de 2019, experiências de microurbanismo e levantamento da vegetação do entorno do campus Santa Luzia foram iniciadas com um grupo de estudantes na disciplina Estúdio X do curso de Arquitetura e Urbanismo. Nesse sentido, o projeto proposto dá continuidade a uma experiência de sala de aula, que se manteve atenta à possibilidade de um atlas com informações da periferia. Não há um atlas com metodologias de pesquisa e informações do entorno - a periferia de Santa Luzia - , assim o atlas aqui proposto e dessa forma pode servir de índice de consulta para outras disciplinas e projetos de pesquisa da IFMG Campus Santa Luzia.



Essas possibilidades de pesquisa contribuem para o desenvolvimento técnico, social e cultural, tanto no âmbito local, pensando, por exemplo, sobre a realidade do entorno do IFMG Campus Santa Luzia, como no global, por exemplo, no diálogo com regiões semelhantes no Brasil considerando se o plano de capilarização dos IF's. Sob esse aspecto o Atlas pode ser um disseminador de práticas de pesquisa, análise e levantamento de dados de amplo alcance e de conexões tanto entre realidades parecidas quanto a realidades díspares.

A partir do levantamento e estudo da vegetação de áreas periféricas e seus usos, pretende-se produzir um Atlas da vegetação presente na periferia, tendo como local de pesquisa as áreas de Santa Luzia. Ademais, planeja-se envolver variáveis que se entrecruzam como cultura, meio natural e urbano e bem estar na produção desse Atlas.

METODOLOGIA:

Na primeira etapa da pesquisa, será levantado todo o material cartográfico da região, por meio da base de dados do Campus Santa Luzia, da Prefeitura de Santa Luzia, do Google e entre outras bases de dados. Em paralelo será realizado a discussão e definição de ferramentas digitais e softwares para a produção de dados. A pesquisa de campo se dará em um segundo momento, após a definição das áreas de trabalho.

Para o levantamento, a metodologia de coleta de dados levará em conta processos interdisciplinares como o levantamento de dados por entrevista e conversas, o levantamento fotográfico de espécies mais plantadas e as etapas e dos processos de plantios. Além disso, será realizado a observação e o levantamento das espécies recorrentes e mais resistentes na região e seus usos, sobretudo com a atenção ao impacto da vegetação no contexto urbano e nas relações sociais. Os equipamentos utilizados nesta etapa:

- Notebook com aplicativos e softwares gráficos para link e registro dos levantamentos;
- Câmera fotográfica para o registro de fotos e vídeos (material do LITS Laboratório Campus);

Após os levantamentos, será organizado um encontro de discussões com os envolvidos na pesquisa e convidados, para a análise e desenho da informação graficamente. Um dos objetivos nessa etapa é relacionar os dados, definir linguagem gráfica e as categorias que serão desenvolvidas e utilizadas no Atlas. Para essa dinâmica de trabalho serão necessários materiais impressos e mapas.

A partir da compilação de dados e de informações será realizado o tratamento dos mapas, dados e fotos, para a organização de uma publicação. A publicação será organizada por categorias para melhor visualização do conteúdo e incorporação da linguagem do atlas. No atlas constituirá de



textos, mapas, imagens, links de pequenos vídeos e infográficos. A etapa final é a finalização do projeto gráfico do volume produzido com registro de isbn.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa foi iniciada há um mês, nesse contexto, são poucos os resultados obtidos. Por sua vez, um dos pontos que orientam a pesquisa, é a carência de teorizações e levantamentos que estabeleçam diálogos a partir de outras bases narrativas e gráficas.

As problematizações teórico-práticas muitas vezes são distanciadas dos modos de cultivar, da cultura e práticas locais, e retornam muito pouco para o cotidiano como fundamento da dinâmica verde do espaço. Segundo a pesquisadora Ângela Gomes na tese intitulada Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH, a pesquisadora apresenta as espécies trazidas pelos africanos e relaciona seus usos à crenças e modos de ocupar o território, e avança, dissertando sobre a vegetação presente ainda hoje nos quintais e os usos dados às plantas, apontando para parte da cultura negro-africana no território em forma de plantas e saberes. Gomes conceitua a produção e cultura das plantas nos quintais e algumas áreas coletivas como etnobotânica. Para a pesquisadora há uma sustentação cultural para o cultivo e entendimento de seus usos. A pesquisadora diz de um entrelaçamento da cultura e do cultivo, mas afirma ainda desse caráter mais presente na periferia das cidades brasileiras, tendo em vista que grande parte das periferias são constituídas de povos de origem negra ou indígenas. A relação entre memória, ensinamento, cultura, cultivo e território é fundamental para uma pesquisa interdisciplinar, como uma relação intrínseca entre memória, corpo e território.

Stefano Mancuso, em *Revolução das plantas* (2019), um livro recente que revoluciona as abordagens sobre o tema, aponta para a autonomia energéticas das plantas ligada a uma arquitetura cooperativa, distribuída, sem centros de comando, que faz delas seres vivos capazes de resistir a repetidos eventos catastróficos e de se adaptar com rapidez a enormes mudanças ambientais. Nesse sentido, o projeto de pesquisa do Atlas Verde Periférico estará atento às insurgências verdes mesmo em lugares inóspitos e em ruínas, entendendo que a ecologia da cidade baseada nas plantas será um ponto de atenção importante do projeto. Sobretudo, tendo em vista que parte da vegetação das periferias surgiu de plantas que não foram plantadas.

CONCLUSÕES:

A coleta de dados, tratamento, análise e produção do Atlas Verde Periférico servirá como uma cartografia de suporte para outros projetos e pesquisas. Sobretudo, produzir e difundir um material pouco pesquisado sobre a paisagem e vegetação das periferias. Esses dados servirão para pensar a qualidade de vida, políticas públicas, técnicas, cotidiano, cultura e hábitos locais, assim como, a relação entre as três instâncias ensino, pesquisa e extensão.



seminário
de iniciação
científica

ISSN 2558-6052



REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Ângela Maria da Silva. Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH. 2009. Tese (Doutorado em Organização do Espaço, Departamento de Geografia)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MANCUSO, Stefano. A Revolução das Plantas. São Paulo, Ed. Ubu, 2019.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.